

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes – Campus São Paulo

Luane Nigro Sato

**FALTANDO UM PEDAÇO:
Da Imaginação à Palavra**

São Paulo

2023

Luane Nigro Sato

**FALTANDO UM PEDAÇO:
Da Imaginação à Palavra**

Trabalho de Conclusão do Curso como parte dos requisitos necessários à obtenção do diploma em Arte-Tetra Licenciatura do Instituto de Artes Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Orientadora: Prof. Dra. Carminda Mendes Andre

São Paulo
2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pela autora.

S253f Sato, Luane Nigro (Luane Sato), 2001-
Faltando um pedaço : da imaginação à palavra / Luane Nigro Sato. --
São Paulo, 2023.
48 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carminda Mendes.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de
Artes.

1. Teatro. 2. Criação (Literária, artística, etc.). 3. Escrita. I. André,
Carminda Mendes (Carminda Mendes). II. Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 792

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

Luane Nigro Sato

**FALTANDO UM PEDAÇO:
Da Imaginação à Palavra**

Trabalho de Conclusão do Curso como parte dos requisitos necessários à obtenção do diploma em Arte-Tetra Licenciatura do Instituto de Artes Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: 30/11/2023

Banca Examinadora:

Prfa. Dra. Carminda Mendes André – Orientadora

Prfa. Dra. Suely Master

Instituto de Artes – UNESP

Profa. Dra. Rita Luciana Berti

Instituto de Artes – UNESP

Profa. Dra. Fernanda Raquel

Instituto de Artes – UNESP

Dedico esse trabalho à minha Mãe, Tio Rô e Tia Cris.

AGRADECIMENTOS

O carinho tem um jeito lindo de ser poderoso. Então, primeiro agradeço à minha orientadora por criar um bom lugar de soltura dessas palavras, por ser generosa e carinhosa durante todo o processo. Também à minha Mãe, Isabella, o primeiro e mais belo encontro que já tive nessa vida. Agradeço à ela, Tio Rogerio e Tia Cris pela infância.

Quando eu morder a palavra, por favor, não me apressem,
quero mascar, rasgar entre os dentes, a pele, os ossos, o tutano
do verbo, para assim versejar
o âmago das coisas.

Quando meu olhar se perder no nada, por favor,
não me despertem, quero reter, no adentro da íris,
a menor sombra, do ínfimo movimento.

Quando meus pés abrandarem na marcha, por favor,
não me forcem. Caminhar para quê? Deixem-me quedar,
deixem-me quieta, na aparente inércia.
Nem todo viandante anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.

Conceição Evaristo

Resumo

Aquecemos o corpo como prioridade na sala de ensaio, esse trabalho defende que existam caminhos para aquecermos a palavra antes da escrita e criação teatral e que esse caminho se dá através do exercício da imaginação e compreensão de como ela nos é negada pela falta de tempo, excesso de informação e de trabalho consideramos ainda a prevalência do neoliberalismo somado ao país de terceiro mundo como o Brasil. Como podemos fortalecer a palavra sensível? Como, enquanto artistas, dar a ver o que estamos criando? Essas são perguntas não respondidas, mas navegadas.

Palavras-chave: percepções; imaginação; escrita; teatro.

ABSTRACT

We prioritize warming up the body in the rehearsal room; this work advocates for pathways to warm up the word before writing or during artistic creations. This path is achieved through the exercise of imagination and touches an understanding of how it is denied to us by lack of time, excess of information, and overworking schedules. We also consider the prevalence of neoliberalism in addition to the conditions of a third-world country like Brazil. How can we strengthen the sensitive word? How, as artists, can we reveal what we are creating? These are unanswered but explored questions.

Keywords: perceptions; imagination; writing; theater.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 AOS MEUS PÉS	17
3 PLEXO: ESCREVENDO EM GARRAFAS.....	24
4 COLUNA OU TUDO QUE ESCORRE	28
5 MÃOS E O AMPARO DE MINHAS MÃES.....	33
6 PRA TE VER MELHOR.....	37
7 TRAJETO PEDAGÓGICO.....	42
REFERÊNCIAS.....	46

Prefácio

Por Caminda Mendes André

Diz-se, com razão, que há tantos ensaios como ensaístas, que o ensaio é, justamente, a forma não regulada da escrita e do pensamento, sua forma mais variada, mais protéica, mais subjetiva. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é uma atitude existencial, um modo de lidar com a realidade, uma maneira de habitar o mundo, mais do que um gênero da escrita. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o escrito precipitado de uma atitude existencial que, obviamente, mostra enormes variações históricas, contextuais e, portanto, subjetivas. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é uma determinada operação no pensamento, na escrita e na vida, que se realiza de diferentes modos em diferentes épocas, em diferentes contextos e por diferentes pessoas. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose. (Larrosa, Jorge, 2004, p. 32)

Este trabalho é um ensaio do pensamento que ensaia palavras. Sua autora propõe um movimento de entrega para quem lê, tal como temos que nos entregar diante de poemas. É, portanto, uma escrita ensaística. Quem o lê na displicência, na pressa entre um encontro e outro, sem deixar que as palavras decantem em seus corações, pouco proveito terá.

Luane é uma mulher que escreve para os “homens lentos” de que nos falou um dia Milton Santos. Aqueles e aquelas que caminham na cidade como as crianças: sendo afetadas por tudo o que veem, provocadas a interagir com as coisas e seres do caminho. Por isso, caminham lentamente.

*

É uma escrita que se produz entre a sensibilidade da ficção e a abstração do conceito. Não separa coração e mente. Luane escreve desde dentro; desde o agora; desde a localidade. Por isso há pontos cegos em suas descrições. Quem fala – a narradora – aprende com os pés, com a coluna, com as mãos, com o plexo ou com os olhos. Escuta as partes de seu corpo e não chega à totalidade (esta, nós, leitores e leitoras é que temos que imaginar). Não vê de cima, como uma Deusa onipresente. Sua escrita reflete o ser que rasteja e que é natureza e que é incompletude.

Pensar é também sentir o que se pensa; pensar é intuir.

*

O que dizem as palavras pelas mãos de Luane? O que experimenta a artista, a professora, a mulher?

Para Gaston Bachelard,

A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que *cantam* a realidade. É uma faculdade de sobrehumanidade. Um homem é um homem na proporção em que é um super-homem. Deve-se definir um homem pelo conjunto das tendências que o impelem a ultrapassar a *humana condição*. Uma psicologia da mente em ação é automaticamente a psicologia de uma mente excepcional, a psicologia de uma mente tentada pela exceção: a imagem nova enxertada numa imagem antiga. A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que tem novos tipos de visão. Verá se tiver “visões”. Terá visões se se educar com devaneios antes de educar-se com experiências, se as experiências vierem depois como provas de seus devaneios. (Bachelard, 1998, p. 17-18).

Em uma pedagogia da imaginação material, Bachelard define o humano como matéria imaginante. Sugere, em sua *Poética*, que o poeta inventa mundos porque sua materialidade devaneia de dia e de noite. Neste sentido, o poeta sonha futuros.

Luane está saindo de sua Graduação em Licenciatura, em Artes Cênicas, sonhando futuros para sua própria docência. Destaca a imaginação como foco de seu devir docente-mulher. No entanto, problematiza tal faculdade quando colocada no mundo. Traz-nos a experiência dupla da seca e da cheia imaginante. Alerta-nos para os malefícios da sede que adormece o sonhar. Canta, em segunda voz, com Paulo Freire:

O que não é, porém, possível é sequer pensar em transformar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto. (Freire, 2000, p. 26).

E diante deste abismo, da falta de futuro, que a negação da imaginação pode nos empurrar, nossa jovem pesquisadora sonha futuros, nos oferecendo uma leitura-para-imaginar. Mas não só. Oferta aos leitores e leituras um esboço de processo arte educativo com pilares possíveis para uma vida decente, metaforizado por exercícios para inspirar quem a lê.

Como é gostoso e transformador para uma docente como eu, com tantos anos de labuta e, por isso, assentada em facilidades, um encontro com uma artista do pensamento como Luane. Desse modo, ela e eu, pudemos nos permitir movimentar o

pensamento, sair do conforto das formas conhecidas, intuir, fazendo com que as palavras pudessem retornar ao seu estado de devir.

1 INTRODUÇÃO

Como te convenço a ler esse trabalho? A me entregar esse tempo que deve estar escasso pra você? Como conquistar esse espaço da sua cabeça?

Te convido a ler porque apenas tenho minhas palavras e os seus olhos nesse contexto. E nesse texto, decidi usar um corpo pra, na tentativa da escrita, animá-lo com uma alma.

Não, ao final desse trabalho você não verá um esqueleto completo. Mas fica o convite para imaginá-lo. São apenas contrapartes, uma sugestão de trajeto para chegar ao tema deste trabalho: a imaginação.

As perguntas postas inicialmente partem do princípio de que a velocidade das coisas está nos engolindo. O acesso à informação, redes sociais, recursos naturais cada vez mais escassos, falta de tempo, excesso de cansaço e uma prevalência de ansiedade e depressão nos últimos anos, me fazem acreditar que pode ser mais trabalhoso do que nunca conquistar sua atenção.

Sim, a presença está cada vez mais escassa. Nossos olhos, tem dias, que não suportam tanto estímulo. Nossos olhares cada vez mais perdidos e com mais dificuldade em reconhecer as pessoas ao nosso redor.

Nesse cenário, que saúde temos pra imaginar? Aliás, quando imaginamos? O que nos dispara a imaginar? Se não estamos imaginando ou encarando cada vez mais essa dificuldade sem perceber, por que isso acontece?

Ao longo dos capítulos, tentarei estudar e entender o porque estamos vivendo um momento que mais me parece o desmonte desse corpo que é a nossa imaginação e como somos afetadas por isso principalmente em um país de terceiro mundo.

Inicialmente, conversarei sobre os pés e sua relação com a intuição. Depois seguirei para o plexo, nossos desejos, repressões e engarrafamentos. Passando então para a coluna ligada à memória, aliás, ao esquecimento, distanciamento de quem somos para tentar caber nesse mundo. Chego nas mãos, as palavras como ferramentas para recuperar, recosturar, reaquecer a imaginação e concluo com os olhos, esse novo jeito de perceber e devorar o mundo com a escrita.

A imaginação é um corpo. Que pode ser aquecido, resfriado, pode ser nutrido e desnutrido. Pode adoecer, curar, fortalecer. Existe uma diversidade de ferramentas

e trajetos que podem estimular nossa imaginação, mas no nosso caso, falo sobre a palavra e corpo como dispositivo imaginativo.

Esse trabalho tenta se consolidar em um possível processo pedagógico, criativo, disparador para artistas. O convite é percorrer os capítulos, esse corpo, entendendo suas contrapartes metafóricas, buscando alcançar um estado de infância do pensamento, estar disponível e desperto para receber os estímulos de um processo criativo. Também cito que existe um poder da empatia, o poder do Eros no processo pedagógico, da certeza de que somos afetadas e afetar com responsabilidade e potência. Estar disponível para o outro. Como diz bell hooks é a compreensão de que o Eros é uma força que auxilia nosso esforço geral de autoatualização, auxiliando a revigorar a imaginação.

Nosso papel como arte-educadoras, diretoras e até encenadoras é florescer esse estado nas pessoas que estão sob nosso olhar - o que tem se tornado cada vez mais desafiador, porque em muitos momentos nem nós mesmas conseguimos manter, desenvolver, exercitar esse estado.

Principalmente quando somos socializadas como mulheres temos a tendência de priorizar qualquer coisa, desde cargas emocionais familiares, perpassando pela culpa, muita culpa, quanta culpa, até chegar em casa, manter tudo arrumado, limpo, pronto. Gloria também fala sobre isso, como o tecido de ser mulher racializada e lésbica causa um impacto em sua escrita, no tempo que se desafia a criar para recuperar seu movimento de imaginar, intuir e criar.

Eu faço qualquer coisa para adiar este ato — esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente em mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever? (Anzaldúa, 2000 p. 230)

Essa escrita não é uma voz que se presume universal. É uma escrita que tem corpo, de mulher, de lésbica. Que passa pelos meus pés, meu plexo, minha coluna e deságua em minhas mãos através dessa ferramenta que são as palavras. Uma escrita que não está dentro das formas convencionais academicistas, mas sim uma tentativa poética já que falamos de imaginação.

Por que não imaginar? Por que não escrever?

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco

ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (Anzaldua, 2000 p. 232)

2 AOS MEUS PÉS

Falo aqui da poesia como destilação reveladora da experiência, não do estéril jogo de palavras que, tão frequentemente e de modo distorcido, os patriarcas brancos chamam de poesia – a fim de disfarçar um desejo desesperado de imaginação sem discernimento. Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. (Lorde 2019 p. 46)

Por que escrever aos pés?

Como quem realiza o rito de lavá-los, deslizando por você água de cheiro, água rezada, água de erva, buscando reconexão e renovação, escrevo para que possa recosturar nossos caminhos, reentender onde dói, redescobrir quem faz doer.

Os nossos pés guardam mistérios e escrevo não porque quero desvendá-los, mas porque tenho ouvido sua relação com a intuição, com os caminhos.

A intuição é sempre tida como sendo uma dotação ou uma força mística possuída pelos privilegiados somente. No entanto, todos nós tivemos momentos em que a resposta certa "simplesmente surgiu do nada" ou "fizemos a coisa certa sem pensar". As vezes em momentos como este, precipitados por uma crise, perigo ou choque, a pessoa "normal" transcende os limites daquilo que é familiar, corajosamente entra na área do desconhecido o libera por alguns minutos o gênio que tem dentro de si. Quando a resposta a uma experiência se realiza no nível do intuitivo, quando a pessoa trabalha além de um plano intelectual constricto, ela está realmente aberta para aprender. O intuitivo só pode responder no imediato - no aqui e agora. Ele gera suas dádivas no momento de espontaneidade, no momento quando estamos livres para atuar e inter-relacionar, envolvendo-nos com o mundo à nossa volta que está em constante transformação. Através da espontaneidade somos re-formamos em nós mesmos. A espontaneidade cria uma explosão que por um momento nos liberta de quadros de referência estáticos, da memória sufocada por velhos fatos e informações, de teoria não digeridas e técnicas que são na realidade descobertas de outros. (Spolin 2000, p. 3)

Pisei descalça num monte de pedra pontuda e o peso que é pra baixo, por intuição, subiu. Tentei continuar andando, entendendo que a pedrinha não podia me atrasar, mas sem perceber acabei por pisar mais leve, passos hesitados, intimidados. A intuição que me indicava o pontiagudo do caminho, e andar com pressa me rasgou a pele, como acontece quando não queremos reaprender a caminhar.

Já, quando veio terra fofa, grama-mato-verde, ainda que eu me convencesse que o chão não podia me atrasar, porque sempre precisamos chegar em algum lugar,

parecia uma vontade de permanecer, afofar, camuflar. A porosidade dava vontade de brotar raíz da sola do pé ao solo do mundo. Cada passinho me fazia germinar e mostrava a impossibilidade de permanecer na pressa, a velocidade era como desenraizar.

Escrevo porque no asfalto, a intuição agoniza e já parece que não sei o “onde vou”. Tudo é igual de pisar. Realmente, nada atrasa o passo. O caminho é uma direção produtiva, pontual, simétrica. Vou dizer, quando o chão era de sentir, o sonho vinha pra me avisar o que os pés queriam da direção, com possibilidade de permanência.

O jeguatá é muito importante para nós, faz parte do nhanderekó [nosso modo de ser]. Quando acontece alguma coisa, morre criança, no acampamento, tristeza vem e faz o coração pesado, teko axy [é uma existência imperfeita]. Então pega o petyngvá [caximbo] e espera. Espera vir sonho, o karaí ou outro sonho, e no sonho chega conselho de Nhänderú. Vai por aqui, por ali, jeguata porã, então o coração mais leve. Nhänderú mostra o caminho e cada um anda diferente, pelo sonho vai sabendo o caminho por onde tem que passar. (Franco *apud* Pradella, 2009, p. 105).

Chão de terra, desnivelado, de pedregulho, faz a gente olhar pra baixo. Usar olho no pé e calçar visão de calcanhar até dedo. Usar braço no equilíbrio do passo. Demora caminhar. Quando noite ainda, a gente fica aguçado em cada passo. A intuição era treinada, o caminhar era cura.

Agora esse chão de assim, asfalto, não é feito de caminho, é feito de chegar. E veja, a intuição dorme por dentro dos sapatos, o sedentarismo nos assombra. Alisaram cinza uma cidade toda pra que exista eficiência, praticidade, não caminho. E a gente vira assim com tudo, porque se faz isso com chão, que é sustento, tudo se sustenta por assim. A via é expressa e a caminhada irrelevante, em todos os sentidos.

Quando asfaltaram o chão, nosso sonho perdeu a relevância de intuir, porque os pés são a mente que caminham, que nos fazem acreditar no solo.

O que deve provocar um solo asfaltado no pensar?

Perdemos alguma coisa no caminho.

As cercas se constroem nos mundos, os trópicos, os limites, os terrenos. Nos mundos do pensar, do sentir, do atravessar. Antes, a gente fazia caminhada pra o caminho vir, pra entender de si, *pelo sonho vai sabendo* direção. Até o passo não pode achar fartura nesse mundo. Parece que esses muros, cercas, arames, vem pra tirar da gente o cerne do ser, que é construir caminho sagrado por si.

...Mas não tem como a gente deixar de caminhar. Porque as fronteiras entre os países vieram depois da gente. (karaí Anúncio Oliveira Benítes *apud Pradella, 2009, p. 111*).

Essas fronteiras, as delimitações entre corpo e alma, sentir e pensar, o lado de lá e de cá, vieram depois da gente. O caminho (do pensar, sentir criar) não é embalável. Não é consumível. Tudo que sai do que aprisiona, do que não foi o homem-ocidental que criou como destino feito, embalado, ready made, fast food, custa a achar caminho de existir. É um sistema que delimita o mundo.

Quando saio em caminhada ou em escrita, procuro sua voz. Procuro nos limites do mundo, nas fronteiras, inventar uma linha que costure o caminho até sua intuição, tão apagada, já que ela mesma propõe a pluralidade dos passos às pessoas e com isso a desierarquização do modo de ser.

As coisas hoje se pedem prontas, a gente tem que estar sempre prontificado ao melhor destino que é aquele indicado pelo caminho pronto.

A aceleração de tudo nos deixa sem tempo de crescer, porque crescer é caminhar por dentro, intuir de tudo que podemos ser, o que viremos a ser. Nem a comida tem tempo de crescer, apesar da natureza não ter pressa nenhuma.

O crescimento dos alimentos e plantas é uma lição. Como o tempo, o clima, a chuva o impacta. Como o ambiente e o solo tem a ver com florescer, frutificar e enraizar. Mas hoje, não vemos. Existe um distanciamento estratégico do tempo da natureza.

O milho parece ser amarelo de espiga, sem verde-folha e nem cabelo. Ele está pronto. E se ele está, nós temos também que estar. O milho não é a semente, o

silêncio, o sol, a chuva, o passo de quem deu pra querer sua plantação. Nem eu. Não lidamos com seu tempo de crescer, com seu caminho de crescer. Nem com o nosso.

A gente se esquece, mas o milho, veja você, é a espera. Uma espera consciente e sem coisa nenhuma de chegar a ser amarelo, porque entende que ele próprio, ao crescer, já é. O caminho é nele próprio o que é. Não a cabeça, mas os pés tecem, um após o outro essa estrada do ser, com instrução d'alma. A gente descobre a nossa alma pelo caminhar, um após o outro.

Maria Conga me disse "Você já viu preto velho correr?".

Isso porque levar a intuição para o lugar mais distante da miséria, exige calma. Preto Velho põe isso no mundo. E não existe nada mais decolonial que enfrentar o tempo neoliberal. Não adianta deitar o passo sem se deixar nele. Alimentamos nossa miséria a passos largos. E percorremos a fé à polegadas, sua intuição é *milimetria* que mede gigante. Mas o mundo do jeito que tá, do jeito que veio nas naus-de-cara-pálida, que se fez e se montou pela doença, silenciamento, pressa, violência, não consegue entender a reza que os passos tem.

Cada um descobrir de si a si próprio envolve demora, envolve folha-verde, cabelo. Envolve espera. No campo da pedagogia, de processos artísticos, é entender o tempo de cada ser, porque não podemos colar uma folha que cai de volta na árvore e nem adiantar as estações. Esperar de si a si próprio, mas sabendo que no caminho já se é.

Envolve também achar caminho, esperar vir o sono, ouvir o que é do sono e do silêncio. Por dias, o maior desafio que temos como dissidentes é conseguir ouvir nosso tempo de dentro. Conseguir acarinhar o dia com calma. Amar o corpo que a gente ama. Comer a comida que a gente precisa. Dormir o sono que a gente espera. Sonhar o sonho que nos mostra direção e nela, encontrar a esperança.

O que quero dizer, é que esse não é só um problema dos pés. É uma questão epistêmica e já dizia Rufino, toda questão epistêmica é também uma questão *poética*. Essa é uma questão *poética*.

Quadriculamos os conhecimentos, os saberes, a terra e transformando em propriedade privada. Não podemos mais percorrer os nossos caminhos em sua intuição, andar pela terra, pelo que criamos sem esbarrar com as cercas, as placas onde se inscreve “aqui começa o acadêmico”, “aqui começa o racional”, o lado de lá onde tudo é universal, imparcial, científico-ocidental.

Daí Grada me contou o que já ouvia:

Quando eles falam é científico. Quando falamos é não científico. Universal/específico; objetivo/subjetivo; racional/emocional; imparcial/parcial. Eles têm fatos, nós temos opiniões. Eles têm conhecimento, nós temos experiências. (Kilomba, 2016, p. 2)

Essas linhas, disse Grada, não são apenas categorizações semânticas, são responsáveis pela hierarquização dos saberes, silenciamento de tudo que não é a ciência do homem branco. E tudo que vem dito como “muito emocional, muito pessoal, muito específico” é pai, filho ou espírito santo de uma ordem subjugadora iluminista que disse que um corpo era universal e o outro era exótico, uma escrita era científica e a outra era exótica, uma sexualidade romântica e a outra era exótica, um gênero era científico e o outro... histórico.

Sim. Quando era nova, tinha certeza que era péssima na escrita da escola. Todas as imagens que me vinham, me emaranhavam na hora de escrever. Confusão. Escrever uma história, narrativa, resposta objetiva, pra mim tinha cores, temperaturas, tecidos que eu queria atravessar. Não dava tempo. Quando fazia contas, usava setas. Muitas setas. O que valia pra mim era a imagem do meu trajeto, uma coreografia tingida. Veja, eu sei, queríamos caminhar.

Sim, quando era nova, tinha certeza que não era menina. Era péssima na hora de pertencer. Tão binário quanto às disciplinas. Algo me chamava para o entre. Eu tinha cores, temperaturas e tecidos que queria atravessar. “Quando te chamarem de menino, você abaixa a calça e mostra que não é”. “Quando te chamarem de lésbica,

você vai se mudar pra outra cidade”. Mas o que valia pra mim era minha imagem desengonçada de conceitos duros, uma coreografia tingida. Veja, hoje eu sei, queria caminhar.

Dói atravessar as cercas. Porque quem cabe, quem não ouve sua intuição de caminhar, acha desnecessário. É desnecessário, pouco objetivo, acadêmico, te escrever uma carta. Escancarar que todo mundo pesquisa com o corpo, com si mesmo e só finge que é um narrador onisciente da gloriosa ciência. Eu decidi tirar os sapatos.

Me contaram que os pés podem ser nossos ouvidos. São quem sabe ouvir a vibração do solo. Ouvir antes do que chega. Colocar sapatos é ensurdecador. Os sapatos coloniais são exigidos, porque o chão machuca os pés.

Não me vestem, mas é tentador colocá-los para caber em certos ambientes. Quando era nova, já desde lá. Achava que era comigo. Que eram meus pés muito pequenos para dar conta de um sapato como esse. Ou muito grandes e precisaria ser chamada de sapatão.

Mulheres que se relacionam e amam outras mulheres assim são chamadas porque têm pés pequenos para usar calçados de homens, ocupar um lugar que foi nos tirado. Entende-se nessa concepção epistemológica que apenas homens podem amar mulheres e caber. O que significa amar outra mulher nesse mundo que vivemos? Vejo que é um poder que pode atravessar todas as concepções, recuperar uma intuição, ter outro olhar para o tempo, a capacidade de inventar outros caminhos por pura necessidade. É algo que nunca cabe. Significa ter pés tão pequenos, ou tão grandes, que um sapato mesmo não serve. Precisaram de um sapatão pra dar conta de ensurdecar esses ouvidos. O surpreendente é que calçamos e aprendemos a ouvir pelas mãos.

Reivindico o espaço da metáfora, da poética como estratégia epistêmica de decolonialidade. Não me curvo pra calçar uma escrita objetiva. E fico quieta para que os sonhos possam me informar os caminhos, as palavras, as pessoas que posso

percorrer. Devemos procurar o direito de atravessar as cercas, porque é um movimento de reza, oratório, de recuperação. Se me dizem hoje que pra esse caminho que escolho a cerca só pode ser atravessada sem o sentir, sem o poetizar, sem o declamar, sem o queer, sem o racializado, sem a alma, eu deixo o sonho vir, porque as fronteiras vieram depois de nós. E como a semente, o milho, a poesia, podemos ser tudo aquilo que nos lembramos e ainda o que esquecemos. Convido-as para que tirem os sapatos e calcem a intuição.

3 PLEXO:ESCREVENDO EM GARRAFAS

Veja:

Se fossemos divididos em caminhos, da ponta dos dedos da mão, de um até outro, com os braços abertos, poderíamos imaginar, inventar, criar uma estrada.

Da ponta do dedo dos pés até a cabeça, seria possível inventar outra estrada. Esses dois caminhos fariam encontro no plexo. Coração. Que é o primeiro órgão a ser formado, o princípio do ser, de onde vem tudo que se segue.

O princípio vem da encruzilhada, do encontro de caminhos, onde Exu é, onde o coração é.

A encruzilhada é o começo. É o caminho que se percorre encontrando aquele que nunca poderia ter sido e o que é, a espiral do tempo. É sempre a possibilidade.

Escrevo essa carta à você, Plexo, como a possibilidade que vem do meu dentro, como a narrativa que manejo para me inventar no mundo.

A noção de encruzilhada emerge como disponibilidade para novos rumos, poética, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e à monologização do mundo. A encruza emerge como a potência que nos possibilita estripulias.” (Rufino, 2017, p. 35).

Rufino, Seu Plexo, me disse também sobre o “mais um”. Que falar sobre a encruzilhada não é deixar o Norte pra abraçar o Sul, um pelo outro, querer aqui e não lá. A encruzilhada é o mistério que se forma como a possibilidade, não de um e nem do outro, de um terceiro que nele mesmo é e não é os outros dois. Como um filho. Que é e não é. Como a linguagem.

Daí que penso na minha mãe. Ainda que eu não esteja na fase das cartas de amor, sei que sou a possibilidade de minha mãe. Sei que ela é a possibilidade de mim, que mora bem aí, no começo.

No mundo ocidental, o Exu é ruim.

Assim, como na narrativa popular, o colonialismo acreditou que, ao construir diabos e aprisioná-los nas garrafas, os manteriam cativos e servis a todos os seus desejos. Porém, como narra o mito popular, para mantê-los aprisionados, as nossas almas serão cobradas como contrapartida, padecendo nos lajeiros do inferno, profundezas das ignorâncias abissais do colonialismo ocidental que

crê que, ao manter possibilidades engarrafadas, cativas, servis, reinará de forma absoluta nesse mundo dividido entre o bem e o mal, entre o pecado e a salvação, entre Deus e o Diabo. (Rufino, 2017, p. 63).

Mas me contou Rufino que não é isso que acontece. *O Novo Mundo codificou-se como uma grande encruzilhada*. Inventamos o nosso mais um, de carne e osso, de corpo-palavra, de riso, gozo, pomba. De cerveja, dança, amor.

Em uma conversa que tive com Guimarães, me disse:

O diabo na rua. No meio do redemunho.

Viver é muito perigoso porque nossos diabos foram engarrafados. E veja, tem diabo no amor, na linguagem, no querer. Tem diabo no pai e na mãe. Ainda bem. O diabo é conosco todos os dias. A relação do peito com o mundo, da mãe com o filho, nasce tensionada. Dá-se a vida e junto, o perigo de vivê-la. E mais perigo nesse mundo, é não vivê-la.

O mundo com possibilidades encarceradas gerou cadeias, hospitais e hospícios. Nossa vida provavelmente irá terminar em um desses lugares. O mundo com as possibilidades, que viraram diabos e foram engarrafados, se tornou cindido.

O diabo é o coração. Todas as nossas possibilidades de existência, escrita, casa. O coração e sua ideia foi criada pra ser engarrafada. Ainda que não possa.

Sem os pés como instinto de caminho, não sabemos por onde ir. Sem possibilidades cardíacas, sem paixão, com o engarrafamento de tudo que somos, não sabemos por onde começar. Sem Exu, não sabemos onde tudo começa.

Buscamos nos dividir em tempos, em pessoas. Coagulamos nostalgias por crer no tempo linear, na rua asfaltada de ida, lutamos contra o que somos e quem queremos ser. É um adoecimento.

Audre nos diz que é a partir desse ponto que passamos a banir e reconhecer nossas semelhanças.

“Não são as nossas diferenças que nos separam, mas nossa relutância em reconhecê-las e lidarmos de forma efetiva com as distorções que resultaram de as termos ignorado e confundido”. (Lorde, 2019, p. 152).

Ou seja, quando não reconhecemos o que vem do nosso coração, ou nossa encruzilhada, quando caímos na armadilha de aprisionar nossos sentires em garrafas, começamos a afastar, repulsar, nos distanciar dos nossos pares.

A rejeição institucionalizada da diferença é uma necessidade absoluta em uma economia centrada no lucro que precisa de outsiders ocupando o papel de pessoas descartáveis. Como integrantes de tal economia, todos fomos programados para responder às diferenças humanas que existem entre nós com medo e aversão, e a lidar com elas de três maneiras: ignorar e, se não for possível, copiar quando a consideramos dominantes ou destruir quando a consideramos subalterna. Mas não temos critérios para tratar as diferenças humanas em pé de igualdade. Como consequência, elas têm sido confundidas ou utilizadas de maneira equivocada, a serviço da separação e da confusão. (Lorde, 2019,p. 142).

Quem são aqueles exatamente iguais a mim? A resposta a essa pergunta torna a envergar para a lógica do individualismo. Uma distância começa a ser tecida e cravada na militância, nas casas, na cozinha.

Certamente existem diferenças muito reais entre nós, com relação a raça, idade e sexo. No entanto, não são essas diferenças que estão nos separando. É, antes, nossa recusa em reconhecê-las e analisar as distorções que resultam de as confundirmos e os efeitos dessas distorções sobre comportamentos e expectativas humanas. (Lorde, 2019,p. 142).

É a partir dessa lógica que se monta também a dicotomia, o mundo cindido. Onde esquecemos da possibilidade do “mais um” explicada por Rufino. Criar mais um mundo, mais uma possibilidade, um entre eu e você.

Audre contou também sobre os desafios de ser uma mulher negra, lésbica, mãe em um casamento inter-racial porque sempre alguma parte dela entrava em conflito com os confortáveis preceitos e preconceitos de quem ela deveria ser. Só a aceitavam a menos que ela em sua poesia, sua vida e trabalho a menos que fingisse corresponder às normas de alguém.

Romper com suas garrafas, aliás, o engarrafamento que lhe foi proposto era, muitas vezes, assumir diferenças com seus iguais. E a partir daí achar quais pessoas eram suas aliadas em entender, ouvir, observar a complexidade que somos, sem a dicotomia do ser.

Ela nos ensina que não existe resposta simples e única para esse emaranhado de sentidos que somos, principalmente em um país de terceiro mundo.

Vejo cada um de nós como sendo a possibilidade de um terceiro caminho, que muitas vezes não se encontra porque nenhum dos lados permite acolher nossas semelhanças já que a lógica do lucro é essa.

O caminho para o desengarramento, que acontece aos poucos, como uma costura que vamos aprendendo ao longo de uma ou mais vidas, vem através do plexo. De Exu. Do coração. Das estripulias que propõe esses signos, de sua imprevisibilidade, complexidade, início e fim. Sem o nosso caminho de volta para nós, é difícil enxergar possibilidades afrente e apreender os sentidos do que passou.

A partir daí podemos visitar hooks quando fala de Eros como uma força que auxilia o nosso esforço geral de autoatualização e que pode proporcionar um fundamento epistemológico para entendermos nós e o mundo, saca de *Keen* a pergunta: Que formas de paixão podem nos tornar íntegros? A quais paixões podemos nos entregar com a certeza de que elas expandirão e não diminuirão as promessas de nossas vidas?

Essa energia que endereça nossos caminhos vem de Exu, vem da nossa encruzilhada. Enquanto não soubermos estar de acordo com nossas possibilidades de nos sermos, nosso Plexo, coração e obedecermos até inconscientemente a lógica do engarramento, Exu continuará a ser visto como aquele que faz estripulias para o “mal de todos”, o coração continuará sendo uma peça meramente emotiva e não instrutora. Não veremos o começo, muito menos aprenderemos com o que já foi percorrido. O tempo será uma via única e nós, seres acimentados.

4 COLUNA OU TUDO QUE ESCORRE

Passei a noite no hospital com a minha tia. Conversamos até de madrugada, deitadas, de luz apagada. Nem parecia a maca, o soro, as luzes - se me dissessem que estava em uma casa no campo, acreditava. Ela estava lá, com o peito aberto, literalmente. Se deitava naquela maca do mesmo jeito que a vi deitar na areia, na pedra, na rede, no mar.

Ela nasceu em Itatiaia, canceriana. Tudo nela é cachoeira. Tudo nela tem Oxum. As histórias, os três filhos, a massa do pão, a mão de semear, o tempo de sentir. Penso que minha tia escorre, do alto até a beira. Que a coluna escorre, da nuca até a terra. Assim como faz Oxum, assim como faz a memória.

Veja que essa Orixá é a responsável pelo crescimento das crianças e domina os caminhos dos afetos, do amor, da gestação, das cachoeiras. A memória é um entrelaço afetivo pelo tempo que nos passa. Aqui, associo a coluna à queda d'água e a memória como vértebras que nos sustentam.

Onde mora a memória? Já ouvi que a memória mora na coluna, esse pilar que a gente cresce, que metaboliza nosso crescer. Ouvi que tem lembranças, carinhos, tristezas que só vem ao encostar na coluna de alguém.

Como se a água fosse o tempo que escorre por nós e as pedras, a memória, é o formato que a própria erosão nos dá. Nossas formas se parecem com o que lembramos e o que lembramos nos dá forma.

Algo me diz que as palavras também vêm de lá, uma coleção ao longo da vida, emaranhadas pelas espinhas e vértebras, rodeadas pelos lembrares e escorrendo na parte de trás da gente. No nosso mundo, memória só é documento histórico quando colocada no papel e veiculada pela academia, mídia e até redes sociais. As mãos que seguram as canetas oficializam ou não o que é memória. E a oralidade fica às margens, porque ela se lembra, aconselha, enfrenta, o que a caneta quer silenciar.

O mundo anda escasso porque anda abraçado com a descredibilização da oralidade, da memória, de Oxum.

“A Colonialidade implica na classificação e reclassificação da população do planeta, em uma estrutura funcional para articular e administrar essas classificações, na definição de espaços para esses objetivos e em uma perspectiva epistemológica para conformar um significado de uma matriz de poder na qual canalizar uma nova produção de conhecimento. Colonialidade

representa, apesar do fim do colonialismo, um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, porém, ao invés de estar limitado a uma relação formal de poder entre os povos ou nações, refere-se à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça.” (Maldonado-Torres, 2007, p. 131).

É a partir dessa forma, desse formato de se fazer o mundo, da dicotomia do plexo, da pressa no passo, que fazemos esquecer a lucidez da memória, da palavra que é fruto do emocional e não do comercial.

Falo aqui de como a Colonialidade montou a desvalorização da memória, mantida até pela palavra “progresso” e por um estranho saudosismo que não tenta aprender com o que passou, aconselhar-se com os mais velhos, mas é como sentir saudade de um avô quando era jovem, sendo que ele está vivo, ativo, falante.

Ninguém quer a bronca do passado, porque isso significa que teríamos que repensar para onde estamos indo, em busca do “progresso” infinito, desmatador, industrial, violento e guiado pelo lucro.

Veja, a pergunta que se costura é “O que causa a marginalização da memória?”.

Existem inúmeras respostas para essa pergunta. Escolho uma análise que parte da cachoeira, porque então todas as pedras teriam formatos parecidos, sendo que não os tem e para que haja a passagem da água, formação dos poços, é preciso que não tenham. Tudo seca sem memória.

Como construir um imaginário que nos fortaleça sem o que também monta nossa afetividade - a memória?

Não estou falando da memória do que comi ontem ou até da vez que dormi tarde, mas do tecido gigante que nos monta, da ancestralidade, dos medos que nossos pais nos contam através de conselhos, de procurar uma rede de apoio para falar dos amores que temos, dos desafios desse mundo, sem que a TV esteja ligada, ou exaustos de jornadas de 12 horas de trabalho.

O colonialismo nos fez chegar em um ponto em que temos a tecnologia reduzindo nosso período de atenção, a falta de presença nos gerando ansiedade e sem um substrato de afetos, lembranças, conselhos, não conseguimos lidar com nossas frustrações. Hoje, a maior parte dos meus amigos toma algum tipo de medicação para sono, depressão, pânico, ansiedade.

A partir deste ponto nossa capacidade de imaginar, sonhar, criar, fica reduzida ao pó. Já que não podemos contar nem com o que somos quanto lembrança, presença. Já que não sabemos mais nosso formato, porque o tempo não mais escorre, ele é usado para produção de energia nas hidrelétricas.

Digo que a forma mais funda de acabar com a diversidade e assim com a prosperidade criativa dos seres, ou seja, o poder de criar, é tirar de nós a imaginação, mantida justamente pelo arsenal das narrativas e das emoções.

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias”. (Galeano, 2012, n.p)

Quando a lógica do mundo se consolidou por meio de muita dor, essa, colonial, moderna, se costurou nesse tecido um entendimento de descredibilização do sentir, do contar, em detrimento do pensar e escrever.

“O tipo de luz sob a qual examinamos nossas vidas influencia diretamente o modo como vivemos, os resultados que obtemos e as mudanças que esperamos promover através dessas vidas. É nos limites dessa luz que formamos aquelas ideias pelas quais vamos em busca de nossa mágica e a tornamos realidade. Trata-se de poesia como iluminação...” (Lorde, 2019, p. 45)

Trata-se das histórias, do emocional como enunciação do ser, repleto de direitos, de palavras, de sonhos, de diversidades dentro e fora de si. Toda essa *prosperidade criativa* que não pode viver em um mundo regido pelo lucro e pelas figuras que lucram. Quando digo *prosperidade criativa*, estou dizendo de uma ferramenta que é afiada pela experiência afetiva com o mundo, os seres, os espaços, ou seja, a nossa capacidade de criar vínculo e vincular, agindo como força motriz na criação de memórias, substrato, nutrição, linha que costura nossos saberes e faz-nos criativas e imaginativas de forma próspera.

Talvez a mesma prosperidade que irriga os rios, com deleite na cheia e paciência na vazante e sempre correndo o caminho para o mar, que nos une. Uma criatividade que é agente de vinculação, que faz com que as pessoas se re-costurem ao mundo, se encantem e auto percebam.

Imaginamos a partir do que viram, do que vi, do que sou e do que crio de mim todos os dias para me adaptar e sobreviver. Imagino formas de transformar o que vivo hoje, imagino desenhar uma possibilidade de ser, imagino a liberdade, crio um poema,

uma relação, um refúgio e assim consigo achar frestas de presença, respiro, mudança.

A imaginação e a memória nos fazem prosperas e prosperidade tem de a ver com o nutriente, a diversidade de nutrir. Tente crescer com um só alimento, um só discurso, *o perigo de uma história única*. Ou te faltará vitamina pra coluna crescer ou você sempre irá acreditar que está crescendo pro lado errado.

Esse é o poder que a lógica da colonialidade tenta destruir, pois sabem que as *ferramentas do senhor nunca derrubaram a casa-grande*.

“Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós - a poeta - sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade.” (Lorde, 2019, p. 48).

Prosperidade de criação, doçura, fartura, tem a ver com o que contamos à mesa, o que se escolhe temperar, nutrir. É a água que faz crescer as crianças. Sim, as histórias aumentam os tamanhos, as sensações, nutrem a memória e assim o imaginar. Água que não cessa, pois respeita o tempo de coração. É jorrar lembrança, contar memória, porque o peito tudo guarda, podemos ou não escutar. É contar ao próximo, compartilhar e fazer crescer conexão, pra diversificar escuta, pra nutrir o eu e aquecê-lo a tudo que se pode viraser.

Veja, com a marginalização da memória, não temos combustão afetiva para imaginar além dos limites, grades, caixas, cadeiras, que nos foram impostos.

Recupero que sem caminhos e coração, sem os pés e o plexo, com um caminhar adormecido e sentir inoperante é que acontece a desnutrição Imaginativa. Não tem como criar poesia para metabolizar o que é viver nesse país de terceiro mundo, na periferia do globo, repleto de contradições, de afetos, de oralidade. Tirar nosso poder de imaginar é tolher a prosperidade do mundo. É o mesmo que jogar veneno na comida. É fazer com que tenhamos dor nas costas, mas desassociar isso da doença de não viver nossa verdade, não saber nossa verdade. O desmonte da imaginação faz com que precisemos de manuais de instrução para nos relacionar com o mundo a nossa volta.

“Se aquilo que precisamos para sonhar, para conduzir nosso espírito de maneira mais direta e profunda rumo a esperança for desprezado com sendo um luxo, vamos abrir mão do cerne - da fonte - do nosso

poder, da nossa condição de mulher; vamos abrir mão do futuro de nossos mundos.” (Lorde, 2019, p. 49).

Hoje, quem tem direito acessível a sonhar são as pessoas que sonharão o mundo da mesma forma. Essa é a crueldade da colonialidade.

Porque em um momento de crise, depois que todos os guerreiros e guerreiras gastaram suas espadas lutando, Oxum é quem colhe, cozinha, convida aqueles que a querem destruir e acabar com os seus. É ela que tempera a comida e envenena um exército inteiro. Nos ensina sobre criar uma forma de usar a força através de si, do seu arcabouço de memórias e conselhos, de sua autopercepção. O que muitas pessoas confundem com mansidão, é guerra. Assim é a poesia, assim é o sonho, o amor, quanto colhidos e cozinhados.

Não existe uma resposta única, mas o um esforço diário, uma *paciência feroz*, de tornar a ouvir a intuição, compreender e desengarrar as múltiplas possibilidades do ser e deixar jorrar através de gestos, palavras, olhares, comidas, pessoas, possíveis caminhos não cimentados, onde os pés, com fé, irão de endereçar o amanhã.

Ao terminar de escrever esse texto, caio em prantos. Alguma coisa se reativa dentro de mim, como comer um bom prato de comida, como achar nas palavras as memórias que eu precisava recuperar das coisas que tenho sido e pensado, como encontrar amores antigos e ver quem já fui. Como sentir o tempo escorrer sobre mim e apalpar o formado de quem sou e como se fosse possível, a partir dos afetos de minha Tia que se tornaram as memórias, imaginar naquele hospital, naquela maca, uma casa na montanha. E só assim se faz possível impulsionar um momento de dor, de incerteza, para que ele se torne uma espécie de sustento, uma enxurrada de palavras, um jorro de água doce, uma linha que nos ampara, ou, a coluna de quem sou.

5 MÃOS E O AMPARO DE MINHAS MÃES

Dedico esse texto para minhas mães, aliás, minhas mãos. Uma do lado de cá e a outra de lá. Uma chamo de Mãma e a outra de Nanã.

Recupero a imagem do chão asfaltado. O silenciamento dos caminhos que o nosso coração aponta, o momento mexem com a nossa percepção de tempo. Bem ali, onde não acreditamos que nossos sonhos apontam caminhos e deixamos de imaginar por onde podemos passar.

Com tudo acimentado, é difícil que nossos pés possam percorrer outros córregos, transportes, caminhos. Outras formas de afeto, vida, trabalho, alimentação. Encostamos nossos pés no asfalto e tudo soa igual em nós adentro, encostamos nas pessoas e queremos que elas soem como nós. Passamos a procurar identidade no sentido de quem é idêntico, com uma falsa premissa de diversidade. Porque se o chão é igual, como podem nossos caminhos serem diferentes?

A imaginação fica encarcerada, entre as cercas e os territórios, ali onde não podemos entrar nem se nos disserem em sonho. É transposta como os rios. A imaginação fica *engarrafada* como um demônio.

Para o mundo moderno, imaginar é o demônio porque é o começo de tudo. Imaginar é começar. Sim.

E se for possível começar, talvez seja também possível finalizar esse tempo. Esse ritmo, esse cansaço, essa produção. Seja possível sair da dicotomia e encontrar possibilidades. Achar em nós um caminho que o cimento ainda não alcançou e qual os pés irão percorrer seguindo nada mais do que o direcionamento do plexo, do coração, do eros.

Nesse ponto, olhamos para o que foi percorrido: o caminhar adormecido que acontece através de caminhos uniformizados e calcifica um sentir inoperante, um engarrafamento das nossas paixões, de quem somos, do que podemos construir juntas. O fruto disso, é a desnutrição imaginativa, ou seja, uma imaginação que fica sem recursos, já que seus caminhos - suas histórias, memórias, narrativas - são apagadas e seu pulsar é limitado, tendo as possibilidades suprimidas já que não podemos recomeçar.

Nesse cenário, o que farão minhas mãos?

Com quais ferramentas podemos estimular minimamente a imaginação para a palavra?

Ou como Audre nos disse, com qual luz queremos iluminar e examinar o que vivemos?

Por sorte, minhas mães me concederam e estimularam a maior honraria: as palavras.

Benção maior não existe do que ser impulsionada a imaginar por quem é meu começo e guarda meus caminhos. Mãe e Nanã tiravam meus sapatos. Deixavam com que eu pisasse em poesia, cuidaram dos meus pés e do meu peito. Esticavam minha coluna com histórias e instruções. Me cobriam de sonhos. Esse é o jeito que elas tiveram de lutar, através de mim. A ferramenta? Se chama infância.

“Infância do pensamento”, ou seja, essa infinita potência de recomeço no pensamento que a pergunta instaura e mostra que, em última instância, quando pensamos, estamos sempre no começo. Para dizê-lo com outras palavras: pensar de verdade, pensar-se a si mesmo, fazer da filosofia um exercício de se colocar a si mesmo em questão exige, a cada momento, ir até a mais recôndita infância do pensamento, começar a pensar tudo de novo como se nunca tivéssemos pensado, como se, a cada vez, estivéssemos pensando pela primeira vez. Assim, a infância é quase uma condição da filosofia.” (Kohan, 2015, n.p).

Hoje eu e minhas mãos achamos nossa ferramenta - as palavras que levam ao teatro.

Rodari (1973), em seu livro “Gramática da Fantasia” traz uma pergunta interessante dos seus alunos - *como inventar uma história?* E eu me pergunto em um tom semelhante - como aproximar as pessoas de sua imaginação?

“A função da própria imaginação é a visão de realidades e possibilidades que não se mostram nas condições normais da percepção sensível”. (Rodari, 1973, p. 166).

Imagem vocês uma mulher que está sentada em uma cadeira. Ela usa chinelos e seu nome é Constância. Ela não encosta as costas na cadeira e ainda sim se mantém ereta, tem os braços junto ao corpo, a cabeça justa à mente parece uma pessoa justa, sem espaço para desvios.

A profissão de Constância é lavar meias, todos os tipos, as mais lisas, sociais, listradas e brancas. Tudo cabe ao coração de constância e seu jeito estrategicamente estável. Constância tem uma responsabilidade que parece levar nas costas, o que lhe

causa dores na lombar. Ela garante que ninguém voltará a trabalhar sem meias limpas na segunda-feira. Constância não recebe cartas de amor pelo correio, recebe sim as meias sujas da semana e as lava, de bom grado.

Constância fala pouco sobre o amor. Só me disse um dia “temos que ter coragem para nos apaixonar por passarinhos” e disse isso, dava pra ver nos olhos dela, por um amor que não criou raízes. Vivem dizendo a ela, principalmente os homens, “você não pode abraçar o mundo” ou “não precisava ter feito tudo”. Mas Constância sabe, que se ela não faz, se ela não abraça, as coisas seguem por não serem feitas e desamadas. Constância tem seus dias iguais, mas poucos conhecem sua arritmias, seus mistérios.

Bom, em três parágrafos essa foi uma experiência de imaginação. Com uma mulher que não existe ou existe para cada um. Cheguei a levá-la para um espaço cênico, onde eu teço através das palavras essa mulher e deixo no palco apenas uma cadeira, chinelos à sua frente e objetos que podem mudar dependendo do dia. O foco não sou eu ou minha narrativa, mas sim que as pessoas se desafiem a olhar um palco vazio e enchê-lo estimulando a imaginação.

A partir de cada caminho, coração, coluna, das memórias, dos olhares, de quem são as pessoas imaginam uma velha ou não, uma moça. As pessoas veem a si mesmas ou lembram de suas mães. A veem de vestido, de cabelo branco ou de calça e cabeça raspada. Algumas pessoas dizem que não conseguiram ver nada, mas entraram na narrativa, o que já é em si um ponto de chegada.

É uma tentativa de posicionar as pessoas frente à imaginação e também uma prática de condução narrativa a isso.

Não veremos as mesmas coisas, mas teremos a certeza de que algo foi compartilhado - a tentativa. A tentativa será em si o caminho para o começo, para a intuição, para a infância do pensamento e em direção a quem somos.

Com certeza Constância também me revela. Por que lavar meias? Por que esse nome? Cada uma dessas escolhas costuram um significado subjetivo que muitas vezes só percebo quando o “desenho” está pronto. Um exercício interessante de um processo criativo - pegar uma característica e transformá-la em pessoa. Com profissão, mania, jeito. Casa, comida, coração. Olhar nos olhos dessa pessoa e entender suas necessidades. Provocar o estado imaginativo que é escolher uma palavra para si.

“Uma palavra escolhida ao acaso e lançada à mente, produz ondas de superfície e de profundidade, provoca uma série infinita de reações em cadeia, agitando em sua queda sons, imagens, analogias e recordações, significados e sonhos, em um movimento que toca a experiência e a memória, a fantasia e o inconsciente, e que se complica pelo fato de que essa mesma mente não assiste passiva a representação, mas nela intervém continuamente para aceitar e rejeitar, relacionar e censurar construir e destruir.” (Rodari, 1973, p. 12).

O ato de imaginar, não é apenas uma ideia pro jantar ou a imagem de uma praia, é se alimentar do mar e nadar em um copo d'água. É o que nos liberta das certezas tão estremecidas pelo colonialismo e faz com que desconfiemos do caminho óbvio. Achar a estradinha de terra, andar nela, esticando o olhar, iluminadas pelo sol de quem somos e de quem seremos e de quem já fomos. Imaginar é o constante ser. É passar por debaixo das cercas, obedecer o que pede a generosidade do sentir, estralar nosso passado para entender o que nos sustenta e colocar na palma de nossas mãos, de forma única, que ferramentas podemos ou não escolher para descascar a embriaguez que é uma vida sem imaginar.

6 PRA TE VER MELHOR

Há dois anos e pouco atrás tive um encontro daqueles que mexe com a nossa alma, que cria um pouco mais de alma. Uma pessoa inspiradora para dizer pouco, que me ensina muito sobre viver. Vivemos uma relação linda, cheia de amor e repleta de bênçãos - como deve ser.

Quando a conheci, queria explicar meu amor por cada pessoa ao meu redor. Queria contar quem é minha mãe, minha tia. Queria contar quem é meu tio, a única presença masculina constante na minha vida.

Não sei, poderia ter falado várias coisas sobre ele. Tremendas. Seu silêncio, sua sensibilidade emaranhada com um academicismo afiado. Poderia ter contado de como nada borboleta no mar e parece sim que pássaros voam na água, aliás, que adultos viram passados que voam na água - se eles quiserem. Poderia ter falado do caderninho com o poema do Fernando Pessoa colado na contracapa que meu deu. Mas não falei de nada disso.

Contei que tinha um tio com olhos. Olhos fundos de mato e água. Chamei de Tio dos Olhos. A pessoa mais alongada que já conheci. Ele treina olhar longe. Alonga seu olhar lá depois que a montanha acaba. Eu diria que é uma pessoa longa. Tem um caminho dentro dele e tem dias que ele fica mais perto, na beira. Nesses dias eu olho e sei que ele está pertinho. Aproveito pra perguntar e ouvir. Tem outros dias que ele fica mais longe. Meço a distância pelo seu olhar. Mas a parte que mais gosto é que ele sempre está. Se faz presente. Está ali meu tio dos olhos longos.

Fui vendo e conhecendo enquanto crescia, que existe um poder no olhar. Como olhamos o mundo e o que ele nos conta?

O trajeto percorrido neste trabalho não poderia desembocar em outro lugar. Primeiro nos lembramos que somos seres intuitivos, aprendemos a confiar nos nossos passos, porque sem isso não vamos para lugar nenhum. Depois, reconhecemos nossos desejos, nossas escolhas, sonhos e, como explica Freire contra-sonhos, que são também nossas resistências e contradições. Assim entramos em contato com quem somos, o que nos lembramos, tudo aquilo que nos monta.

Entendendo nossos caminhos, escolhas e memórias temos um substrato para imaginar o mundo e criar a partir disso. Essas são as mãos respondendo a pergunta

“o que fazer com tudo que sou?”. Conto sobre a ferramenta da escrita. Costurar significados para organizar quem somos no mundo e alcançar o poder de imaginar.

Mas aqui, neste quinto capítulo, proponho que pensemos a imaginação como uma forma de ver o mundo, de ler as pessoas, de investigar a qualidade da vida. Gloria Anzaldúa nos diz que escrever é um ato de criar alma, é alquimia. A transmutação de um elemento em outro, assim como faz a imaginação. Todavia, escrever e criar dependem sim da qualidade do nosso olhar para o mundo.

Proponho o olhar como um músculo, como ensinou meu tio, que pode ou não estar alongado para ver longe, ver além do que está posto. Esse é o jogo que esse trabalho propõe; estimular seres a se conhecerem e, a partir disso, re-conhecerem o mundo para analisá-lo.

“Analisar é abrir as formas da realidade”. Como quando conheço alguém mais de perto e reparo não apenas na cabeleira, mas em cada fio. Entendo o contorno que cada um faz, os que enrolam, os que seguem no sentido da nuca, os que apontam para fora da cabeça. Analiso, abrindo a forma, fazendo ver o que cada linha, cada fio compõe na forma.

Mas se a análise que eu faço assume um ponto de vista fixo e vertical, vou procurar dividir a realidade de quem sou, separar os fatos do sujeito. Vou procurar ver aquele cabelo como uma matéria orgânica, do jeito que pode fazer a ciência, olhando de cima e pressupondo uma soberania.

É em reação ao ideal de inteligibilidade que mantém os limites estritos do campo científico que assistimos à revolta institucionalista. Coloca-se em questão o olhar de cima da ciência e a ação judicativa de quem avalia o objeto do conhecimento com a distância da neutralidade. (Passos; Eirado, 2014, p. 114).

No artigo *Pistas do Método da Cartografia* (2014), Eduardo Passos e André do Eirado conversam sobre a ideia de dissolução de um ponto de vista, onde eu não me separo como observadora dos objetos, saímos da dualidade sujeito/objeto para assumir uma totalidade. Sou me relacionando. Sou em contato. Sou vendo. Algo que aprendemos bem na relação palco e plateia.

Quando olho para os seus cabelos, entendo que sim, são matéria orgânica ao mesmo que podem significar um emaranhado de outras coisas.

Quando então faço cafuné, se a pessoa deita no meu colo ou está sentada na minha frente, se a vejo enquanto dorme e nos conhecemos há 20 anos. Se nos conhecemos há dois dias e essa pessoa é um mistério... Minha subjetividade e minha relação com a análise estão mesclados, amalgamados, e interpreto cada fio como se passassem por dentro de quem sou. Faço a leitura fio-a-fio e os escrevo, os descrevo, não do meu ponto de vista, mas também dos meus pontos cegos.

A dissolução de um ponto de vista não é anular a ideia de que cada um vê o mundo sob suas perspectivas e sim reforçá-la. Quando vemos uma pétala cair de uma flor e com isso criamos, dizendo que os olhos do meu tio pousam no mundo com a mesma ternura qual a pétala da flor quando caí por si, é um movimento de dissolver o que vi, recriar o que vi.

Esse conceito presume aceitar, como diz Paulo freire que *na medida em que aceitamos que a economia ou a tecnologia ou a ciência, pouco importa, exerce sobre nós um poder irrecorrível não temos outro caminho senão renunciar à nossa capacidade de pensar, de conjecturar, de comparar, de escolher, de decidir, de projetar, de sonhar. De olhar.*

O jeito que leio cada fio de cabelo vem de um emaranhado afetivo que tenho ou não por aquela pessoa. Percebo que escrever é um jeito de contar os fios da cabeleira do mundo. Gloria Anzaldua nos diz que escrever, quando acontece nessa região de desamarrar pontos de vista e entregar o coração em uma bandeja, é um ato de criar alma.

Vejam - alquimia - que ótimo exemplo, uma teoria científica que pode ter se tornado obsoleta pra muita gente, a transmutação de um elemento em outro. Dessubjetivizar a escrita e a leitura do mundo por também ser compreendido como diz Lourau (2004) à "tentação hipersubjetivista" que recorre à implicação "por um movimento reativo que mantém e reforça a falsa dualidade sujeito/objeto" (Lourau, 2004, p. 212).

“A escrita automática permite tirar do texto qualquer excesso de pessoalidade, permitindo que um aquém e um além do sujeito do enunciado possam compor o sentido.” (Passos; Eirado, 2014, p. 120).

Quando chegamos aqui, nos olhos, que leem e escrevem o mundo diariamente, depois de passar por todo um trajeto de reconhecimento, e percepção de si no mundo, começando lá nas cercas do colonialismo e perpassando até os brinquedos da própria infância é pra que possamos escrever, descrever, falar do mundo, com a dissolução do ponto de vista. Imaginar que nada me divide do objeto de análise. Posso sê-lo, ele fala comigo e eu o respondo. Como fizemos no exercício do capítulo 3.

Posso dissolver meu ponto de vista a ponto de enxergar o mesmo que você, espelhado em uma mulher invisível, sentada em uma cadeira.

E a partir desse ponto - não podemos, de forma alguma, separar a cognição que conhece daquela que é conhecida, ou seja, não podemos separar a estrutura cognitiva que se conhece da experiência concreta do conhecer.

Assim chegar onde não vigora o ponto de vista proprietário e a busca incessante por significado. Essa é a magia da Constância, porque o significado dela se confunde no meio das cabeleiras.

“Na verdade, trata-se da possibilidade de habitar os pontos de vista em sua emergência, sem identificação e sem apego a qualquer um deles. Ser atravessado pelas múltiplas vozes que perpassam um processo, sem adotar nenhuma como sendo a própria ou definitiva conjurando o que em cada uma delas há de separatividade, historicidade e fechamento tanto ao coletivo quanto ao seu processo de constituição.” (Passos; Eirado, 2014, p. 116).

Quando os olhos devoram o mundo, amigos, ele devora sem separar a semente do fruto. Devoram inicialmente, como fazem as crianças, sem ponto de vista.

Isso vem depois, isso é o que exigimos quando estamos na busca por pontos de vista, por ideias que assinamos embaixo como nossas assim como os romancistas. Onde acabamos por jogar fora o que poderia germinar em nós, o que iria frutificar por dentro.

Além de que hoje o mundo pede que os olhos consumam, não devorem. Consumir se parece com comprar frutos sem sementes.

Meu tio, quando era mais novo, tinha cabelos compridos que passavam de seus ombros. Seu apelido até hoje é Sansão, um Deus que na mitologia grega carregava poderes no cabelo. Tio dos Olhos resolveu, à medida em que o tempo passava por ele, esconder seus cabelos. Aquele emaranhado de fios saiu de sua cabeça e foi parar dentro de seus olhos. Toda vez que para e olha o mundo, desembaraça sua cabeleira, enquanto caminha pela longa estrada que tem por dentro.

O delírio do verbo estava lá no começo, onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira. (Barros, 2016, p. 17).

Imaginar é delirar nossos olhares pelo mundo.

7 TRAJÉTO PEDAGÓGICO

O caminho dessa pesquisa funciona como uma linha pedagógica com o objetivo de sensibilizar a imaginação e expressá-la. Por isso, incluo aqui alguns exercícios que perpassam pelos temas de cada capítulo e podem ser explorados em ordem ou como couber ao trajeto de cada artista-educadora.

Exercício - Pés que intuem

Como, antes de tudo, recuperamos a intuição? A confiança no sentir nossas direções e caminhar, se jogar, entender, os nossos próprios caminhos. Como recuperar algo que podemos entender como coerência conosco?

Esse exercício simples começa a pensar essas questões, antes de tudo, do contato com si mesma e com os nossos caminhos (externos e internos). É interessante que antes dele haja um pequeno aquecimento e talvez com luzes mais baixas. Com as pessoas de pé, a proposta é que fiquem de olhos fechados. Que andem assim, entendendo outros sentidos, tentando se conectar com o que o corpo intui daquele movimento a partir dos pés.

Esse caminho pode se alongar e, de olhos fechados, andar com a ponta do pé, calcanhar, um pé só, dedos.

A instrução é que agora as pessoas prestem atenção no que os pés dizem, o primeiro, segundo e assim por diante pensamento, pensar o mundo com os pés que intuem os caminhos.

Quando se sentirem aptas, que comecem a cochichar esses pensamentos, em um movimento de abertura dos olhos.

Agora iremos começar a regular o volume da voz do pensamento em fluxo. Entenda que a parede tal ou um objeto tal é nosso ponto de volume. Quanto mais

perto desse ponto, cochicharemos o que dizem os pés. E vamos, sem parar, falando. Quanto mais nos afastamos, mais aumentamos o volume da voz.

Podemos dar instruções para que as pessoas tenham momentos coletivos, de só cochichos, só gritos e momentos divergentes entre o grupo também.

O momento final, com as luzes baixas, é que esses pensamentos dos pés voltem aos poucos para dentro, mas que não esqueçamos como nós mesmos falamos conosco, nos intuímos, sabemos por qual caminho ir e durante a vida, não podemos deixar que isso se perca.

Exercício - Plexo que sente

Pensando na sequência do exercício anterior, onde falamos de intuir, agora falaremos do querer. Como quem diz “já sei me ouvir, desde os pés, agora preciso mergulhar no entendimento dos meus desejos, prazeres, amores para recuperar meu fluxo criativo”.

Nos permitimos falar a partir do que pensamos, agora vamos falar a partir do que sentimos. Deitadas no chão começaremos apenas com o clássico - perceba o que seu corpo quer. Nossas mãos, espreguiços, expressões, iremos vagarosamente atendendo. Se é uma massagem, um bocejo, um alongamento. Se é permanecer, chorar ou rir. Interessante que as luzes estejam ainda apagadas e uma música comece a tocar.

Esse é um exercício conhecido que pretende ouvir as sensações quais nossos corpos querem passar. A música toca e mais nos movimentamos, sempre guiadas pelo prazer. Se doer em algum momento, deixar a dor passar pelo corpo como passa o prazer.

É interessante dar tempo a esse exercício, para que o corpo se solte ao máximo silenciando a mente.

Depois, já no momento de suor, a parada será abrupta. Voltaremos a deitar no chão e sentir aquele pulsar. Estar ofegante e pulsante. Nesse estado, com todas quentes e latejantes, o exercício será entender o que desejo. Em silêncio, com as luzes apagadas, deitadas, e apenas as respirações no ar. Como quero me sentir? O que desejo? O que não tenho escutado?

É uma reflexão de corpo inteiro. A instrução pode estar relacionada apenas com o momento presente. O que eu quero hoje? O que eu quero sentir agora? ou também, como quero viver? Ao que posso me entregar para me tornar mais quem sou?

Exercício - Coluna que lembra

Veja, a respiração vai voltando para si. Estamos mais calmas, mais presentes. Ainda estamos deitadas no chão. Algumas pessoas sentiram necessidade de tomar água, outras não. Intuímos e sentimos. Agora vamos nos recordar, porque tudo que fomos nos aproxima de quem podemos imaginar ser.

Acabamos de falar sobre o que quero. Em um exercício de retomada vamos refletir sobre o que já quisemos. O que eu queria quando mais nova? Quando criança? Vá olhando para perguntas que remetam o que já foi.

Chegamos aqui em um estado onde já estamos mais próximas a um fluxo de imaginação. Então comecemos:

Imagine que você entra no seu quarto, casa, cabana, qualquer lugar de infância ou adolescência ou juventude.

Você encontra um objeto. O primeiro que vier. Preste atenção, a textura e a cor. Mesmo que seja um tênis ou casaco. Mesmo que ele tenha se perdido, quebrado, rasgado. Você hoje pega esse objeto em suas mãos e ele, estranhamente, treme. Parece que ganha vida. Poxa, ele te diz algo. Não necessariamente de uma boca. Você o segura e ele sussurra pra você algo, pra você de hoje. O que você escuta?

Devagar levantaremos, acenderemos as luzes e em um caderno iremos registrar individualmente esse encontro. O que lhe foi dito?

Exercício - Mãos de imaginar

Agora se possível haverá um intervalo. Falamos do que intuo, o que quero e o que me lembro. Iremos para a segunda parte.

Voltam as pessoas, e as convidamos para sentar. O exercício agora é uma análise de si: quem mora em mim que não sou eu e nem o outro? Quase uma busca por um personagem. Uma criança, uma velha, um bicho? Por que? Como o mundo me vê?

Vamos imaginar esse traço que vive dentro de mim tomando forma. Imaginar que cria corpo. Cria vida. Como fala? Quais são as principais características? Uma música é colocada. Ainda sentadas, as pessoas de olhos fechados, imaginam.

Essa materialidade aí de dentro, trabalha? Come? O que? E aos poucos vamos permitindo ela vir. Vir mais. Crescer. Tomar conta do corpo. Da voz talvez. Andar, como anda?

Vamos imaginar com o corpo e criar um personagem que está próximo. Que vive histórias, que fala conosco.

Exercício - Olhos de delírio

A finalização é um convite à escrita. Ao delírio do verbo. Crie uma história com o personagem que nasceu a partir de você. Ou uma linha. Um acontecimento. Um dia dele. Como ele vive fora de você?

Nasce um personagem e assim possivelmente uma história. Imaginamos o mundo através dessa imaterialidade. Deliramos nosso olhar.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Carminda Mendes. *Teatro pós-dramático na escola (inventando espaços: estudos sobre as condições do ensino de teatro em sala de aula)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, ano 8, primeiro semestre, 2000.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARROS, Manoel de. *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.

BARROS, R. D. B.; PASSOS, E. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GALEANO, Eduardo. *Os filhos dos dias*. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, abril, 2012.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOHAN, Walter Omar. Visões de filosofia: infância. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 17, n. 2, p. 216–226, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/172-216>.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. 1. ed. 1. reimp. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MARIOTTI, Humberto. *Autopoiese, cultura e sociedade*, 1999. Disponível em: <http://escoladedialogo.com.br/escoladedialogo/index.php/biblioteca/artigos/autopoies-e-cultura-e-sociedade/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982. (Novas buscas em comunicação; v. 11).

RODRIGUES JÚNIOR, Luiz Rufino. *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. 2017

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural*, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcsso.2017.113972>.

SILVA, Maurício; OCAÑA, Alexander Ortiz; LÓPEZ, María Isabel Arias; CONEDO, Zaira Esther Pedrozo. Decolonialidad de la educación: emergencia/urgencia de una pedagogía decolonial. Santa Marta/Colômbia: Universidad del Magdalena, 2018. *EccoS – Revista Científica*, [S. l.], n. 58, p. e19819, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n58.19819>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/19819>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. *Colonialidade e pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra*, 2017.